



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS – UFT  
CAMPUS DE PORTO NACIONAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**LIA CLAUDIA COELHO**

**“GÊNERO” MASCULINO E FEMININO NA LIBRAS**

Porto Nacional, TO

2022

Lia Cláudia Coelho

**“Gênero” masculino e feminino na Libras**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT), como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Gonçalves Carneiro.

Porto Nacional, TO

2022

---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

C672" Coelho, Lia Cláudia.  
"Gênero" masculino e feminino na Libras. / Lia Cláudia Coelho. – Porto Nacional, TO, 2022.  
60 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins  
– Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação  
(Mestrado) em Letras, 2022.

Orientador: Bruno Gonçalves Carneiro

1. Marcação de masculino e feminino. 2. Gênero. 3. Libras. 4. Línguas de sinais. I. Título

**CDD 469**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

Lia Cláudia Coelho

## **“Gênero” masculino e feminino na Libras**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras. Foi avaliada para a obtenção do título de Mestra em Letras e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Aprovada em 14/12/22.

---

Prof. Dr. Bruno Gonçalves Carneiro, UFT - Orientador

---

Profa. Dra. Karime Chaibue, IFG

---

Profa. Dra. Mônica Veloso Borges, UFG / UFT

---

Prof. Dr. Carlos Roberto Ludwig, UFT

*A Deus, que me criou e foi criativo nesta tarefa. Ele deu sabedoria, estratégia certa para vivenciar os valores do reino.*

*A língua é a chave para o coração de um povo. Se perdemos a chave, perdemos o povo. Se guardamos a chave em lugar seguro, como um tesouro, abriremos as portas para riquezas incalculáveis, riquezas que jamais poderiam ser imaginadas do outro lado da porta.*

*(Eva Engholm, 1965)*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por sempre cuidar de mim e por ter me dado saúde e força para superar todos os momentos mais difíceis. Sua luz me indicou o caminho para o sucesso.

A minha família, em especial ao meu alicerce, a minha mãe Ana, por todo o cuidado, paciência e amor dado, me fortalecendo diante das dificuldades, e ao meu pai Emiliano, por sempre ter sido um apoio na minha vida, por todo o carinho e por acreditar na minha escolha de mestrado. Às minhas irmãs Janaína, Neuraciene e Ana Márcia, que me proporcionaram todo carinho e atenção dedicada, quando sempre precisei durante minha jornada. À minha irmã caçula autista Vanessa que encheu de alegria a minha existência.

O meu orientador, professor Dr. Bruno Gonçalves Carneiro; sua orientação foi efetuada com muita compreensão e alegria. Obrigada pelo exemplo de dedicação, paciência, apoio e competência importantes em orientar a minha pesquisa no melhor caminho.

As professoras de mestrado, Ronice Quadros, Marianne Stumpf, Adja Durão, Janine Oliveira, Patrícia Tuxi, Sandra Nascimento e tantos; os professores Bruno Carneiro e Carlos Ludwig, pelas aprendizagens e por todo o incentivo e todos os conhecimentos compartilhados e dedicados durante as disciplinas de mestrado.

As professoras Mônica Veloso e Karime Chaibue e o professor Carlos Ludwig, tanto por aceitarem participar da banca examinadora de qualificação e defesa do mestrado, como também pelas sugestões e conselhos valiosos que me ajudaram a compreender a pesquisa e a dissertação.

A minha amiga Eloisa Paula e o meu amigo Sebastião Souza, que se mostraram disponíveis para dar suas opiniões nos momentos em que precisei. O meu amigo Pablo Jesus que compartilhou comigo tantas descobertas durante minha jornada e, imensamente, pela amizade e apoio. A minha amiga Mônica Rocha pelo muito carinho e por ter gentilmente me acompanhado nesta vida.

A todos os colegas surdos de mestrado Éllen Loiola, Stefânia Steves, Tayana Pessoa, Leonardo Pessoa e João Filho, que consolidaram novas amizades sinceras e viveram nova experiência comigo nesta jornada, além disso, pelo muito carinho e alegria.

A Universidade Federal do Tocantins, que me proporcionou tantos conhecimentos e que eu chamo de casa; por todo o apoio que sempre me ofereceu e todo o aprendizado contribuído. É inesquecível todo o meu longo percurso de graduação e de pós-graduação.

O Programa de Pós-Graduação em Letras por ter me proporcionado uma experiência rica de viver esta universidade. Os funcionários da biblioteca desta universidade que me receberam muito bem e por toda a atenção.

A todas e a todos os integrantes do grupo de pesquisa Tipologia de Línguas Indígenas e de Línguas de Sinais, da Universidade Federal de Goiás, que me ajudaram a tornar esta pesquisa válida, através de agradável troca de experiências e conhecimentos; por auxiliarem com sugestões, reflexões oportunas e por valiosos encorajamentos, especialmente o meu amigo José Ishac Brandão, pela ajuda que valoriza esta pesquisa, e a minha amiga Thamara Cristina por me proporcionar os conhecimentos.

A comunidade surda que me dedicou atenção e carinho, por toda a ajuda fundamental na minha vida e tanto por que me ajudou a tornar assim como eu sou hoje. A comunidade surdocega pelo convívio, amizade, esforço e incentivo demonstrado nesta vida.

## RESUMO

Esta pesquisa é um estudo descritivo sobre a marcação de masculino e feminino na Libras. Mais especificamente, a pesquisa descreve as estratégias de marcação de masculino e feminino em nomes (sinais relacionados a parentesco, a animais e a profissão) e em pronomes pessoais (sinais de apontamento). Em relação aos sinais de parentesco, incluímos o sinal SURDO, e em relação aos animais, atemo-nos aos mamíferos de grande porte e ao galináceo. O nosso *corpus* de análise envolveu dicionários, um vídeo do *Corpus* da Libras do Inventário Nacional da Região de Palmas e um vídeo disponível na Plataforma *YouTube* produzido por uma surda sobre inseminação de bovinos. Em algumas línguas do mundo, essa marcação gera um sistema (gênero gramatical), em que a marca presente no nome se manifesta em outros elementos do sintagma nominal (Aikhenvald, 2000; Corbett, 2005; Kroeger, 2005; Velupillai, 2012). A partir da análise dos dicionários, vemos que há distinção entre masculino e feminino à nível lexical entre os termos PAI e MÃE, GENRO e NORA, PADRASTRO e MADRASTA, e PADRINHO e MADRINHA. Os sinais ESPOS@, FILH@, IRMÃ@, SOBRINH@, PRIM@, AV@, SOGR@, TI@, NET@, NOIV@, CUNHAD@, BISAV@ e AFILHAD@ possuem apenas forma neutra. Em relação aos termos de animais, observamos que os sinais CARNEIRO e OVELHA, BODE e CABRA, GALO e GALINHA, BOI e VACA evidenciam uma forma lexical para referente masculino e outra para referente feminino, cuja distinção parece envolver formas icônicas. Os sinais GAT@, CACHORR@, CAVAL@, COELH@, PAT@, LEÃ@, MACAC@ e LOB@ são formas neutras. O vídeo do *YouTube* analisado apresenta os sinais MACHO e FÊMEA para marcar masculino e feminino em bovinos, que sugerimos ser específico para animais, de maneira não obrigatória, considerando que os sinais HOMEM e MULHER marcam referentes animados em geral (Brito, 1995; Carneiro, 2017). Em sinais relacionados a profissão, ainda a partir da análise de dicionários, todas as formas lexicais encontradas foram consideradas neutras. Em relação aos dados do *Corpus* da Libras, os sinais INTÉRPRETE, PROFESSOR e TÉCNICO se referem a referentes animados definidos e não houve marcação de masculino ou feminino. As formas pronominais (sinais de apontamento) e os sinais SURDO enquanto modificadores não apresentam distinção na forma quando o núcleo do sintagma se refere a um participante masculino ou feminino. Por fim, sugerimos que na Libras não há um sistema gramatical de gênero a partir da marcação de masculino e feminino.

**Palavras-chave:** Marcação de masculino e feminino. Gênero. Libras. Línguas de sinais.

## ABSTRACT

This research is descriptive study about the marking of male and female in Brazilian Sign Language (Libras). More specifically, the research describes masculine and feminine marking strategies in nouns (signs related to kinship, animals and profession) and personal pronouns (pointing signs). We included DEAF sign, and about animals, we include only large mammals and gallinaceous. Corpus of analysis involved Libras dictionaries, a video of the Libras corpus from the national inventory of Palmas region and a video available on YouTube Platform produced in Libras by a deaf woman, about cattle insemination. Some languages around the world, this marking generates a system (grammatical gender), which mark form presents in the noun presents in other elements of the noun phrase (Aikhenvald, 2000; Corbett, 2005; Kroeger, 2005; Velupillai, 2012). Regarding kinship terms, based on the analysis of dictionaries, we saw there is distinction between male and female in lexical level between PAI (father) and MÃE (mother), GENRO (son-in-law) and NORA (daughter-in-law), PADRASTRO (stepfather) and MADRASTA (stepmother), and PADRINHO (godfather) and MADRINHA (godmother) terms. Signs ESPOS@ (wife/ husband), FILH@ (son/ daughter), IRMÃ@ (brother/ sister), SOBRINH@ (nephew/ niece), PRIM@ (cousin), AV@ (grandmother/ grandfather), SOGR@ (father-in-law/ mother-in-law), TI@ (uncle/ aunt), NET@ (grandson/ granddaughter), NOIV@ (groom/ bride), CUNHAD@ (brother-in-law/ sister-in-law), BISAV@ (great grandmother/ great grandfather) and AFILHAD@ (godson/ goddaughter) have a neutral form. Regarding animal terms, we observed signs CARNEIRO (male sheep) and OVELHA (female sheep), BODE (male goat) and CABRA (female goat), GALO (rooster) and GALINHA (chicken), BOI (ox) and VACA (cow) have a specific form for the male referent and the female referent, whose distinction seems to involve iconic forms. GAT@, CACHORR@, CAVAL@, COELH@, PAT@, LEÃ@, MACAC@ and LOB@ signs are neutral form. YouTube video shows MALE and FEMALE signs to mark male and female in cattle, that we suggest to be specific form for animals, not obligatory strategy, regarding that MAN and WOMAN signs mark male and female for animate referents in general (Brito, 1995; Carneiro, 2017). About profession signs, still based on dictionaries analysis, all lexical forms were considered neutral. Regarding data from Libras corpus, INTERPRETE (interpreter), PROFESSOR (teacher) and TÉCNICO (technician) signs refer to defined animated referents and there were no marking of male or female. Pronominal forms (pointing signs) and DEAF signs as modifiers do not show distinction in their forms when the core of the phrase refers to male or female participant. Finally, we suggest Brazilian Sign Language does not have gender system based on male and female marking.

**Key words:** Male and Female Marking. Gender. Brazilian Sign Language.

## LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1 – Configuração de mão representando masculino na JSL .....	26
Figura 2 – HOMEM na língua de sinais japonesa.....	27
Figura 3 – MULHER na língua de sinais japonesa .....	27
Figura 4 – CASAR na língua de sinais japonesa.....	27
Figura 5 – DIVORCIAR na língua de sinais japonesa.....	28
Figura 6 – IRMÃ MAIS NOVA.....	28
Figura 7 – IRMÃO MAIS VELHO na língua de sinais japonesa .....	28
Figura 8 – Sinal HOMEM VELHO na língua de sinais japonesa.....	29
Figura 9 – Sinal MULHER VELHA na língua de sinais japonesa .....	29
Figura 10 – Sinal TIO em LSA .....	30
Figura 11 – Sinal TIA em LSA .....	30
Figura 12 – Sinal HOMEM em Libras .....	31
Figura 13 – Sinal MULHER em Libras.....	31
Figura 14 – Sinal MÃE em Libras.....	31
Figura 15 – Sinal PAI em Libras .....	31
Figura 16 – Sinal PAI-1 em Libras.....	31
Figura 17 – Sinal MÃE-1 em Libras .....	31
Figura 18 – Sinal PAI-2 em Libras.....	33
Figura 19 – Sinal MÃE-2 em Libras .....	33
Figura 20 – <i>Corpus</i> da Libras de Palmas.....	35
Figura 21 – Imagem do canal no <i>YouTube Luanna Sayonara</i> .....	38
Figura 22 - Sinal de GENRO em Libras.....	41
Figura 23 - Sinal NORA em Libras.....	41
Figura 24 - Sinal PADRINHO em Libras .....	41
Figura 25 - Sinal CARNEIRO em Libras.....	47
Figura 26 – Sinal OVELHA em Libras .....	47
Figura 27 – Sinal BODE em Libras.....	47
Figura 28 – Sinal CABRA em Libras.....	48
Figura 29 - Sinal GALINHA em Libras.....	48
Figura 30 – Sinal GALO em Libras .....	48
Figura 31 – Sinal BOI em Libras.....	48
Figura 32 – Sinal VACA em Libras .....	48
Figura 33 - Sinal FÊMEA em Libras.....	49
Figura 34 – Sinal MACHO em Libras.....	49
Figura 35 – Sinal MACHO em Libras ( <i>YouTube</i> ).....	49
Figura 36 – Sinal FÊMEA em Libras ( <i>YouTube</i> ).....	50
Figura 37 – Sinal ADVOGAD@ em Libras.....	52
Figura 38 – Sinal PSICOLOG@ em Libras .....	52
Figura 39 – Sinal ENFERMEIR@ em Libras .....	52
Figura 40 – Sinal MÉDIC@ em Libras.....	52
Figura 41 – Sinal PROFESS@ em Libras.....	53
Figura 42 – Sinal BAILARIN@ em Libras.....	53
Figura 43 – Marcação de masculino e feminino na Libras.....	55

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Marcação de masculino, feminino e neutro em sinais de parentesco.....	39
Quadro 2 – Marcação dos sinais SURDO no Corpus da Libras.....	43
Quadro 3 – Marcação de masculino, feminino e neutro em sinais de animais .....	45
Quadro 4 – Marcação de masculino, feminino e neutro em sinais de profissão .....	50
Quadro 5 – Marcação dos sinais SURDO no Corpus da Libras.....	53

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Det.	Determinante
F	Feminino
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
IPSL	língua de sinais indopaquistanesa
JSL	língua de sinais japonesa
Libras	língua brasileira de sinais
LSA	língua de sinais argentina
LSF	língua de sinais francesa
M	Masculino
N	Neutro
PADI	Programa de Apoio ao Discente Ingressante
PPGL	Programa de Pós-Graduação em Letras
TEA	Transtorno do Espectro Autista
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFT	Universidade Federal do Tocantins
Unitins	Universidade do Tocantins

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2</b>	<b>GÊNERO NAS LÍNGUAS DO MUNDO .....</b>	<b>19</b>
<b>2.1</b>	<b>Classificação nominal .....</b>	<b>19</b>
<b>2.2</b>	<b>Gênero nas línguas (orais) do mundo .....</b>	<b>26</b>
<b>2.3</b>	<b>“Gênero” em línguas de sinais .....</b>	<b>27</b>
<b>2.4</b>	<b>Marcação de masculino e feminino na Libras .....</b>	<b>31</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>34</b>
<b>3.1</b>	<b>Coleta de dados .....</b>	<b>34</b>
3.1.1	Corpus da Libras .....	34
3.1.2	Análise de dicionário .....	36
3.1.3	Canal no <i>YouTube</i> .....	37
<b>4</b>	<b>RESULTADOS DA ANÁLISE DE DADOS .....</b>	<b>39</b>
<b>4.1</b>	<b>Sinais relacionados a parentesco .....</b>	<b>39</b>
<b>4.2</b>	<b>Sinais relacionados a animais .....</b>	<b>45</b>
<b>4.3</b>	<b>Sinais relacionados a profissões .....</b>	<b>50</b>
<b>4.4</b>	<b>Pronomes pessoais (sinais de apontamento) .....</b>	<b>53</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>56</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>59</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa é um estudo descritivo sobre a marcação de masculino e feminino na Libras. Em algumas línguas do mundo, essa marcação pode formar um sistema de gênero, em que a marca extrapola o nome envolvido e se manifesta em outros elementos do sintagma. Ressaltamos que esta pesquisa é conduzida por uma pesquisadora surda.

Eu sou Lia Claudia Coelho, surda e atualmente com baixa visão. Resido em Porto Nacional, estado do Tocantins, mas nasci em Monte do Carmo em 25 de fevereiro de 1978. Nasci surda e com a visão normal. Fui diagnosticada com surdez profunda bilateral aos 2 anos de idade e, na época, meus pais não tiveram acesso a informações sobre o assunto na perspectiva de língua, cultura e identidades surdas.

Sou a única surda da família e a quarta de um total de cinco irmãs. As três mais velhas são ouvintes e a mais nova é diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Como surda, eu me senti acolhida pela minha família, desde a infância, porque considero que nunca estive sozinha. Aos 7 anos de idade, iniciei o período de escolarização e entrei em minha primeira escola em Carolina, estado do Maranhão, onde meus avós moravam. Eu fui alfabetizada em língua portuguesa com um método que enfatizava a leitura e escrita, numa sala de aula diferente dos alunos considerados normais. Esse método me ajudou a entender o significado das palavras, em seus respectivos contextos, através do uso de imagens e gestos. Isso me trouxe aprendizado de imediato. Não fui submetida à oralização e nunca usei aparelhos auditivos. Durante o período de alfabetização e ao longo das séries iniciais do Ensino Fundamental, tive um aprendizado consistente de leitura e escrita da língua portuguesa. Depois deste período, estudei em duas escolas públicas estaduais em Porto Nacional (Séries Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio). Nessas instituições, eu fui submetida à mesma metodologia que era utilizada para os demais alunos ouvintes. Eu era a única surda das escolas em que estudei, desde a infância, e nunca tive intérprete de Libras em sala de aula. Da mesma forma, eu não tive contato com a Libras na época.

Conheci a Libras aos 22 anos de idade, a partir do contato fortuito com uma pessoa surda, que se tornou uma amiga e me inseriu na comunidade surda. Adquiri a Libras através do contato surdo-surdo, em interação com amigos em casa, locais de encontros e eventos. O contato com a Libras fluiu de maneira natural, tornando-me surda e

reconhecendo-me em minha diferença. Nunca tive curso básico ou qualquer estudo formal sobre língua de sinais. Após concluir o Ensino Médio, decidi estudar para concursos públicos e, assim, garantir minha independência financeira, antes mesmo de refletir sobre qual faculdade deveria cursar. Nesse sentido, fui aprovada para o cargo de assistente administrativo da Universidade do Tocantins (Unitins) e tomei posse em 2008, em uma vaga destinada para pessoas com deficiência na cidade de Palmas.

Depois de alguns anos, minha visão agravou e perdi a visão periférica. Sempre tive acompanhamento de médico oftalmologista em Palmas e, mais recentemente, em Goiânia – GO, onde fui diagnosticada com Síndrome de Usher tipo 1. Esta síndrome envolve surdez profunda de nascença, retinose pigmentar e cegueira noturna, devido à genética familiar. Por causa de um atropelamento grave que sofri na trajetória para o trabalho, eu precisei ser afastada do trabalho e fui aposentada por invalidez.

Eu sempre fui dedicada aos estudos e àquilo que me disponho a executar. Em 2015, ingressei no curso de Letras-Libras da Universidade Federal do Tocantins. Novamente, eu estava em um ambiente educacional, mas, agora, eu me alicerçava em uma nova identidade, a partir da minha diferença surda. Na graduação, os estudos sobre morfossintaxe da Libras me despertaram grande interesse. Conhecer a gramática da Libras e reconhecer os contrastes desta em comparação com os elementos gramaticais de outras línguas, dentre elas, a língua portuguesa, foram encantadores. As disciplinas da área da linguística me habilitaram a refletir sobre as línguas. Desde então, acompanho vários cursos e oficinas com foco na gramática da Libras. Ainda na graduação, tive a oportunidade de ser bolsista no Programa de Apoio ao Discente Ingressante (PADI) na área de língua portuguesa para atender e auxiliar os alunos surdos através de oficinas de português como segunda língua. Atuei neste programa por três anos consecutivos

No curso de letras-Libras foi a primeira vez que tive professores surdos e resalto que aprendi muito com eles. Eu acessei os saberes surdos, que estavam em uma perspectiva de prestígio. Além dos professores, os servidores e os alunos sempre atenderam minhas especificidades enquanto surda de baixa visão. Informalmente, todos se disponibilizaram a atuar como guia-intérprete em eventos acadêmicos, tanto na graduação quanto na pós-graduação. Essa rede de apoio fez com que o percurso até aqui não fosse pesado para mim.

A graduação também me proporcionou habilidades para palestrar. Algumas palestras foram proferidas nas atividades atreladas à Prática como Componente Curricular do Letras-Libras. Sobre isso, menciono a palestra intitulada *Setembro Azul*, ministrada

por mim na cidade de Paranã-TO, no ano de 2017. Foi a primeira de muitas outras experiências dessa natureza. Menciono também a publicação de um capítulo, intitulado *Experiência de vida na surdocegueira* (COELHO, 2019), em que relato minha trajetória pessoal, escolar, profissional e acadêmica, apresentando a minha diferença nesse universo desafiador, mas cheio de boas expectativas.

E agora, nestas páginas, apresento a dissertação “*Gênero*” *masculino e feminino na Libras*, oriunda de minha pesquisa de mestrado. Conforme mencionado anteriormente, a presente pesquisa é um estudo descritivo sobre a marcação de masculino e feminino na Libras. De acordo com Corbett (1991), o termo gênero significa tipo ou ordenação e diz respeito à forma como uma língua categoriza os nomes, que pode ser de várias maneiras. Mas, nem toda classificação gera um sistema. Um sistema de gênero acontece quando a classificação nominal promove uma característica (marcação) que vai além dos nomes em si, ou seja, essa marca também acontece em outros termos associados ao nome. Por exemplo, em uma língua em que o núcleo do sintagma nominal apresenta uma marca de *feminino* e o termo que o modifica também a apresenta, então, temos um sistema de gênero, porque a classificação nominal de *feminino* se manifesta em outros elementos do sintagma. O critério que determina a existência de um sistema de gênero é a concordância, ou seja, a marcação do nome é refletida em elementos associados.

O objetivo da pesquisa é descrever como se manifesta a marcação de masculino e feminino em Libras. Mais especificamente, a pesquisa descreve as estratégias para marcação de masculino e feminino em nomes (sinais relacionados a família, a animais e a profissão) e em pronomes pessoais (sinais de apontamento).

Para essa empreitada, baseamo-nos na manifestação da categoria gênero nas línguas do mundo (Corbett, 1991; Velupillai, 2012). O *corpus* de análise envolve um vídeo do *corpus* da Libras da região de Palmas, dicionários e um vídeo disponível na Plataforma *YouTube*.

Esta pesquisa se justifica por uma demanda urgente por pesquisas descritivas sobre a língua brasileira de sinais. Enquanto língua natural, a Libras constitui o patrimônio linguístico-cultural nacional e a primeira língua de milhões de surdos sinalizantes, que dela dependem para o seu desenvolvimento enquanto sujeitos de linguagem. Além disso, o Brasil demanda a implementação de uma educação bilíngue, o que exigem a institucionalização, uso e difusão da Libras. A execução dessas ações perpassa por pesquisas descritivas sobre ela.

A dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo apresentamos a noção de gênero nas línguas do mundo, a partir de dados de línguas orais, e algumas reflexões sobre o assunto em línguas de sinais. No segundo capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos para coleta e análise de dados, e, por fim, no terceiro capítulo, apresentamos os resultados da pesquisa.

## 2 GÊNERO NAS LÍNGUAS DO MUNDO

### 2.1 Classificação nominal

De acordo com Aikhenvald (2000), o termo gênero foi usado pelo filósofo grego Protágoras, quando dividiu os nomes da língua grega em três classes: feminino, masculino e inanimado (hoje é nomeado de neutro). Este é um sistema de gênero gramatical típico encontrado em línguas indoeuropeias.

Ainda de acordo com a autora, é comum a confusão entre as noções gênero biológico e gênero gramatical. O termo gênero na linguística representa uma categorização nominal que nem sempre está baseado na noção de sexo biológico. As línguas que apresentam a categoria gênero podem classificar os nomes em sexo ou em outras categorias semânticas, como animacidade e humanidade. A categorização também pode acontecer a partir de princípios morfológicos e fonológicos.

De acordo com Chacon (2007), a língua Tukáno falada por povos do noroeste da Amazônia possui classes nominais para a marcação de gênero, a saber: animados, inanimados contáveis e inanimados incontáveis, e humanos e não humanos.

Em relação à animacidade, a língua Tukáno possui subclassificação [+ animado], considerado um traço mais marcado e subclassificado pelos traços  $\pm$  feminino, e [- animado], considerado um traço menos marcado e subclassificado pela categoria forma. A maioria dos nomes humanos manifesta a forma  $\pm$  feminino marcada por um sufixo. Em não humanos (animais), a forma  $\pm$  feminino é marcada pela justaposição dos termos referentes a *homem* e *mulher*, formando um composto lexical. Os nomes animados não humanos gregários, como insetos e peixes, não possuem marca de gênero. Os nomes inanimados são distintos entre contáveis e incontáveis. Os referentes de nomes inanimados contáveis (casa, roça, rio, fruta etc.) podem combinar o sufixo plural na língua, enquanto que os referentes inanimados não. Os referentes de nomes inanimados incontáveis (vegetais, líquido, doenças, sentimentos, etc.) representam entidades maciças, informes, contínuas, abstratas ou genéricos, e não são pluralizados.

Nas línguas, conforme mencionado, os nomes também podem ser classificados a partir de características formais. De acordo com Aikhenvald (2000), a presença de um sufixo derivacional, por exemplo, pode caracterizar uma classe. Em alemão, os nomes que apresentam o sufixo *-ung* (considerados nomes de ação) são classificados como femininos, e os nomes que apresentam o sufixo *-chen* (considerados diminutivos) são

classificados como neutros. Em português, o sufixo *-ção* (que caracteriza nomes de ação), como em *marcação*, também classifica os nomes em femininos.

Ulrike Zeshan (2003) propõe uma classificação para os sinais da língua de sinais indopaquistanesa (IPSL), a partir da articulação em relação ao corpo do sinalizante e ao espaço de sinalização, ou seja, a partir da forma. Para a autora, os sinais da IPSL podem ser classificados em (1) sinais que não podem ser modificados no parâmetro locação, (2) sinais cujo ponto de articulação pode mudar no espaço de sinalização e (3) sinais direcionais.

A primeira classe se refere a sinais que tem um ponto de articulação fixo no corpo (ou em relação ao corpo) do sinalizante. Se referem, por exemplo, a partes do corpo, sentimentos e ações cognitivas, mas a grande maioria não pode ser categorizada semanticamente. Estes seriam sinais multifuncionais, pois podem aparecer em várias posições sintáticas sem qualquer modificação formal.

A segunda classe são sinais realizados no espaço neutro e podem mudar a locação no espaço de sinalização, mas não exibem deslocamento entre dois pontos. Essa característica espacial permite que se estabeleça um vínculo visual com outros sinais, pela flexibilidade de articulação dentro do espaço de sinalização, e também são considerados multifuncionais.

A terceira classe corresponde a sinais que se movem entre dois pontos no espaço de sinalização e comportam-se como verbos. A trajetória pode expressar uma relação de fonte/ alvo, sujeito/ objeto ou movimento/ localização entre os locais inicial e final do deslocamento. Na próxima seção, apresentamos a relação entre classificação nominal e gênero gramatical.

## **2.2 Gênero nas línguas (orais) do mundo**

De acordo com Kroeger (2005), um sistema de gênero acontece quando a categorização dos nomes gera manifestações morfológicas de um tipo particular. Segundo o autor, há línguas que apresentam a categoria de gênero gramatical e línguas que, embora possam apresentar alguma forma de classificação nominal, não apresentam essa categoria. O termo gênero para a linguística significa um tipo, ordenação, ou ainda, uma classificação gramatical de nomes nas línguas que vai se refletir em outros elementos (Corbett, 2005; Kroeger, 2005; Velupillai, 2012).

De acordo com Corbett (2005), há várias formas de organizar os nomes em uma língua. Pode-se classificá-los em nomes que se referem a animais, que são derivados de verbos, que possuem raiz a partir de uma determinada quantidade de sílabas, aqueles cujo acento distingue singular e plural, dentre outras possibilidades. Mas, nem toda classificação pode ser considerada um sistema de gênero. Mais uma vez, critério que determina a existência de gênero é a concordância. Para Velupillai (2012), o gênero é identificado através de algum tipo de processo morfológico que envolve outra palavra no sintagma.

Na língua portuguesa, por exemplo, as palavras *menino* e *vestido* são gramaticalmente masculinas, enquanto que *menina* e *galinha* são palavras gramaticalmente femininas. A partir desses nomes, o uso de um pronome demonstrativo terá uma forma específica. Os adjetivos que os modificam também apresentarão formas sufixais específicas. Os dados, a seguir, ilustram o sistema de gênero gramatical na língua portuguesa, a partir dos exemplos reportados.

(1) Gênero na língua portuguesa (demonstrativo e adjetivo)

- a. **Este** menino gordo
- b. **Esta** menina bonita
- c. **Este** vestido bonito.
- d. **Esta** galinha gorda.

Fonte: Kroeger (2005, p. 117)

Conforme pode ser observado em (1), os nomes *menino* e *vestido*, gramaticalmente classificados como masculinos, determinam a forma do demonstrativo *este*. Em relação aos substantivos femininos, os nomes *menina* e *galinha* determinam o uso da forma *esta*. Isso significa que a forma do demonstrativo reflete, de alguma maneira, a subclassificação dos nomes. O mesmo acontece em relação aos adjetivos que os modificam. Em (1), os adjetivos *gordo* e *bonito* apresentam o sufixo -o, porque modificam um nome masculino, enquanto que os adjetivos *gorda* e *bonita* apresentam o sufixo -a, por modificarem um nome feminino. Os dados em (2) e em (3), a seguir, ilustram o sistema de gênero gramatical no alemão.

## (2) Gênero no alemão (determinantes)

a. **der**        *stuhl*  
 Det.M        CADEIRA

*Tradução: a cadeira*

b. **die**        *blume*  
 Det.F        FLOR

*Tradução: a flor*

c. **das**        *buch*  
 Det.N        LIVRO

*Tradução: o livro*

Fonte: Velupillai (2012, p. 165)

O uso de determinantes na língua alemã forma um sistema de gênero. A forma selecionada vai depender do núcleo do sintagma nominal, ou seja, da classificação do nome em masculino, feminino ou neutro. No dado apresentado, o nome *stuhl* (cadeira) é classificado como um substantivo masculino, *blume* (flor) é classificado como um substantivo feminino e, por fim, *buch* (livro) é classificado como neutro. O mesmo acontece em relação aos demais determinantes, cuja forma concorda com a classificação do núcleo respectivo. Os determinantes no alemão formam um paradigma cujas formas correspondem à classificação nominal apresentada: *der* é um determinante masculino, *die* é um determinante feminino e *das* é um determinante neutro.

## (3) Gênero no alemão (adjetivos)

a. **rot-er**        *stuhl*  
 VERMELHO.M CADEIRA  
*Tradução: cadeira vermelha*

b. **rot-e**        *blume*  
 VERMELHO.F FLOR  
*Tradução: flor vermelha*

c. **rot-es**        *buch*  
 VERMELHO.N LIVRO  
*Tradução: livro vermelho*

Fonte: Velupillai (2012, p. 127)

A noção de concordância a partir da classificação dos nomes no alemão também se manifesta nos adjetivos. Em (3), vemos que o lexema **rot-** (vermelho) é um modificador e apresenta um sufixo que está de acordo com a classificação do núcleo do sintagma nominal. Isso significa que, mais uma vez, a classificação do nome em masculino, feminino ou neutro determina a forma sufixal do adjetivo correspondente. Neste dado, a forma *roter* (vermelho) se refere ao gênero masculino, *rote* (vermelho) ao gênero feminino e *rotes* ao gênero neutro.

Ainda em relação aos determinantes, na língua inglesa, o artigo *the* (o, a, os, as) é uma forma única e não apresenta marcas em relação à categorização dos nomes. Segundo Lima (2010), a língua portuguesa, diferente da língua inglesa, manifesta gênero em determinantes, como em *o carro*, *a casa*, *os meninos*, *as meninas*. Essa manifestação acontece em relação aos pronomes possessivos, como em *estou vendendo meu carro* e *minha mãe gosta de livros*. A forma *my* em inglês, que corresponde ao pronome possessivo de 1º pessoa, corresponde às formas **meu**, pronome possessivo de 1º pessoa masculino, e **minha**, pronome possessivo de 1º pessoa feminino, em língua portuguesa. Ainda assim, o inglês é um exemplo de língua com sistema de gênero pronominal, a partir dos pronomes *he*, *she* e *it*. A forma *he* se refere a algum referente humano masculino, *she* a humano feminino e *it* a referentes animados não humanos e inanimados (Velupillai, 2012).

A classificação dos nomes em um sistema de gênero vai depender da concepção de mundo da comunidade de fala. Nesse sentido, é importante distinguir a noção de gênero gramatical de gênero “natural” (ou biológico). O gênero biológico (masculino *versus* feminino) relaciona-se com funções reprodutivas em humanos, as ordens superiores do reino animal e certas espécies de plantas. No gênero gramatical, a classificação dos nomes pode parecer bastante arbitrária em muitos casos. Ainda segundo o autor, em latim, por exemplo, *ignis* (fogo) é uma palavra masculina, enquanto *flamma* (chama) é uma palavra feminina. Nesse sentido, Corbett (1991) estabelece que o gênero gramatical pode refletir fatos interessantes sobre a visão de mundo de uma comunidade de fala. Em Dyirbal (Austrália), a palavra que se refere ao sol é feminina, enquanto que a palavra que se refere à lua é masculina. Isso acontece porque há um mito sobre esses dois corpos celestes. O sol seria uma mulher e a lua o seu marido. Em alguns sistemas de gênero, pode haver nomes cuja classificação parece não seguir os padrões semânticos básicos. Um grande número de exceções parece obedecer a um critério arbitrário, devido

mudanças na língua, considerando uma perspectiva diacrônica, e o contato com outras línguas (Corbett, 1991).

Em sistemas estritamente semânticos, o significado do substantivo determina seu gênero. Corbett (1991) cita o exemplo da língua Zande, da família Níger-kordofaniano, falada por 700 mil falantes residentes em Zaire e Sudão. O sistema de gênero do Zande se reflete no sistema de pronomes pessoais e em outros elementos da sentença (não mencionado pelo autor). A atribuição semântica está baseada no critério humano macho (gênero masculino), humano fêmea (gênero feminino), animal (gênero animal) e restante (gênero neutro).

Além de características semânticas, o gênero gramatical ainda pode ser determinado com base em padrões fonológicos ou morfológicos. De acordo com Kroeger (2005), a palavra *mädchen* (menina) – alemão – é gramaticalmente neutra, embora se refira a um referente humano e de sexo feminino. Isso acontece porque todos os substantivos que contêm o sufixo diminutivo *-chen* são gramaticalmente neutros.

O *Mayali* é uma língua australiana com gênero cujo sistema envolve uma classe não relacionada a sexo biológico. Os nomes são classificados em quatro classes: *masculino*, que envolve humanos e animais superiores<sup>1</sup> masculinos, referentes animados de forma genérica, entidades espirituais (a menos que seja especificado como feminino), alguns animais inferiores, animais invertebrados, chuva, pontos cardeais, alguns itens usados na pintura, alguns tipos de mel, dentre outros; *feminino*, que envolve humanos e animais superiores femininos, alguns animais inferiores, e sol; *vegetais*, que abrange plantas e seus produtos (itens oriundos de plantas), alimentos, vegetais, alguns tipos de mel, partes sexuais do corpo, barcos e veículos, e outros; e *neutro*, que abrange partes de animais e plantas, fenômenos climáticos e marítimos, medidas de tempo, países, categorias sociais e outros (Evans; Brown; Corbett, 2002). O dado em (4) ilustra o sistema de gênero na língua *Mayali* (dialeto *Kunwinjku*).

(4) Gênero *masculino*, *feminino*, *vegetais* e *neutro* em *Mayali* (dialeto *Kunwinjku*)

a. bininj      **na**-mak  
                   HOMEM M-BOM  
                   “*homem bom*”

---

<sup>1</sup> Os animais superiores se referem aos animais domésticos e os inferiores aos não domésticos.

- b. daluk      **ngal**-mak  
 MULHER F-BOM  
 “mulher boa”
- c. kamarn      **man**-mak  
 INHAME VE-BOM  
 “Inhame bom”
- d. kukku      **kun**-mak  
 ÁGUA N-BOM  
 “água boa”

Fonte: Evans, Brown e Corbett (2002, p. 117).

Outra estratégia comum para marcar a subclasse dos nomes em uma determinada língua é por meio do uso de classificadores. Classificadores são formas presas ou livres que ocorrem dentro do sintagma nominal e que indicam a subclasse do substantivo principal. De acordo com Ainkhenvald (2000), classificadores nominais caracterizam o nome, co-ocorrem com ele e não gera concordância.

Ainda segundo a autora, a escolha de um classificador é semântica, a partir de características inerentes ao nome, tais como *animal*, *humano*, *planta*, *forma*, *dimensão* e *estrutura* do referente. Em algumas línguas, os classificadores também podem se referir ao *status social*, ou a uma *relação de parentesco*. O dado em (5) ilustra classificadores nominais na língua *Kanjobalan Mayan* (Guatemala).

(5) Classificadores nominais em Kanjobalan Mayan

*xil*      [*naj xuwan*]      [*no7 lab'a*]  
 VER. CL:HOMEM John. CL:ANIMAL COBRA  
 Tradução: (homem) John viu a (animal) cobra.

Fonte: Ainkhenvald (2000, p. 82).

Em (5), o núcleo *xuwan* (John) é precedido pela forma *naj*, um classificador que categoriza *xuwan* como sendo da classe *homem*. De maneira semelhante, o núcleo *lab'a* (cobra) é precedido pela forma *no7*, também um classificador nominal que categoriza *lab'a* como sendo da classe *animal*.

Tanto os classificadores quanto os sistemas de gênero são estratégias gramaticais que classificam os nomes. A diferença é que os primeiros não geram concordância, ou

seja, “os classificadores classificam apenas o nome em si” (Aikhenvald, 2000, p. 2). Nas palavras de Velupillai (2012, p. 172), “os classificadores são formas livres e invariantes que atribuem os nomes uma determinada categoria, frequentemente baseada semanticamente. É um tipo de categorização, mas que não gera concordância”. Isso significa que tais classificações podem ser consideradas apenas uma classificação interna para a classe dos nomes, pois não significa que formam um sistema de gênero.

Assim, tipologicamente, as línguas do mundo podem ser: sem gênero; com gênero baseado em sexo biológico; e com gênero baseado em outras características semânticas não relacionadas ao sexo biológico.

### 2.3 “Gênero” em línguas de sinais

Na língua de sinais japonesa (NS) e em outras línguas sinalizadas da Ásia, há a marcação de masculino e feminino em construções em que uma configuração de mão representa um grupo semântico de referentes. Há uma configuração de mão utilizada para referentes masculinos e referentes femininos. O polegar estendido é usado para masculino enquanto o dedo mínimo estendido é usado para feminino (Osugi, 1999).

Figura 1 – Configuração de mão representando masculino na JSL



Fonte: Osugi (1999)

De acordo com Sagara (2016), os sinais relacionados a parentesco na JSL têm sistema morfológico produtivo que envolve a noção de masculino e feminino e a modificação espacial a partir do uso do espaço de sinalização. O sinal feito com o polegar estendido e os demais dedos fletidos indica HOMEM e o sinal feito com o dedo mínimo estendido e os demais dedos fletidos indica Mulher. As Figuras 2 e 3, a seguir, ilustram esses sinais.

Figura 2 – HOMEM na língua de sinais japonesa



Fonte: Sagara (2016, p. 318).

Figura 3 – MULHER na língua de sinais japonesa



Fonte: Sagara (2016, p. 318).

O sinal que se refere a CASAR é realizado a partir da aproximação das duas configurações de mão, que remete à união entre um homem e uma mulher. O sinal de DIVORCIAR é realizado a partir do afastamento das duas configurações de mão. Novamente, as configurações de mão designam a noção de HOMEM e MULHER. As figuras 4 e 5, a seguir, ilustram esses sinais.

Figura 4 – CASAR na língua de sinais japonesa



Fonte: Sagara (2016, p. 319).

Figura 5 – DIVORCIAR na língua de sinais japonesa



Fonte: Sagara (2016, p. 319).

Os sinais que se referem a *irmãos* na NS também apresentam a distinção de masculino e feminino a nível lexical, a partir dessas configurações de mão. O mínimo estendido estabelece a noção de *irmã* e o médio estendido (uma forma diferente para homem) a noção de *irmão*. O uso do espaço de sinalização traz uma noção de *mais velho* ou *mais novo*. O sinal IRMÃ-MAIS-NOVA é realizado com a configuração de mão que se refere a MULHER que se move para baixo. O sinal IRMÃO-MAIS-VELHO é realizado com configuração de mão que se refere a masculino que se move para cima. A mão posicionada mais ao alto se refere a uma entidade mais velha, enquanto que a mão posicionada mais abaixo se refere a uma entidade mais jovem. Assim, o uso do espaço de sinalização distingue a idade. As Figuras 6 e 7 ilustram esses sinais.

Figura 6 – IRMÃ MAIS NOVA na língua de sinais japonesa



Fonte: Sagara (2016, p. 320).

Figura 7 – IRMÃO MAIS VELHO na língua de sinais japonesa



Fonte: Sagara (2016, p. 320).

Os sinais que denotam as noções de *avô* e *avó* também seguem a mesma configuração de mão, mas os dedos selecionados estão curvados. Os sinais HOMEM-VELHO e MULHER-VELHA definem esses termos de parentesco e, grosso modo, se referem à postura “curvada” no envelhecimento. As Figuras 8 e 9, a seguir, ilustram os sinais de HOMEM VELHO e MULHER VELHA.

Figura 8 – Sinal HOMEM VELHO na língua de sinais japonesa



Fonte: Sagara (2016, p. 324).

Figura 9 – Sinal MULHER VELHA na língua de sinais japonesa



Fonte: Sagara (2016, p. 324).

Na NS, as configurações de mão: indicador estendido, polegar estendido e mínimo estendido, são classificadores e podem ser considerados como proformas. Essas configurações formam um paradigma cuja seleção depende da classe do referente envolvido. O *indicador estendido* é uma forma *neutra* e abarca referentes tanto masculino quanto feminino. O *polegar estendido* é uma forma *masculina*, não obrigatória e selecionada em referentes masculinos. Por fim, o *mínimo estendido* é *feminino*, não obrigatório e selecionado em referentes femininos. Neste caso, pode-se sugerir que a NS possui um sistema de gênero baseado em sexo, pois a seleção de uma proforma depende da classificação do referente.

Na língua de sinais argentina (LSA), Massone e Johnson (1991) mostram que a marcação de masculino e feminino em nomes se dá através dos sinais VARON (macho) e HEMBRA (fêmea) após o substantivo. Especificamente em alguns sinais relacionados a parentesco, pode ser usado também alfabeto manual para essa marcação. Os sinais masculinos são combinados com “O” e os femininos com o “A”. Este padrão, provavelmente, é resultado da marcação de gênero em espanhol.

Na língua de sinais argentina (LSA), a marcação de masculino e feminino se manifesta através da justaposição dos sinais VARON (macho) e HEMBRA (fêmea) posposto ao nome (MASSONE; JOHNSON, 1991). Em alguns sinais relacionados a parentesco, também pode ser usado o alfabeto manual para essa marcação. Os referentes masculinos são justapostos com “O” e os femininos com “A”. Nesse sentido, o parentesco na LSA apresenta pares alomórficos para marcar masculino e feminino. As Figura 10 e 11, a seguir, ilustram o sinal *tío* e *tía*, na LSA, a partir da justaposição das configurações “O” e “A”, respectivamente.

Figura 10 – Sinal TIO em LSA



Fonte: <https://youtu.be/4FaBh1xgjV0>. Acessado em 21 de janeiro de 2023.

Figura 11 – Sinal TIA em LSA



Fonte: <https://youtu.be/4FaBh1xgjV0>. Acessado em 21 de janeiro de 2023.

Nesta seção, apresentamos dados da língua de sinais japonesa e da língua de sinais argentina em relação à marcação de masculino e feminino. Na NS parece haver um sistema de gênero, pois, novamente, os classificadores, para se referir a humano, formam um paradigma cuja seleção depende da classe do nome.

## 2.4 Marcação de masculino e feminino na Libras

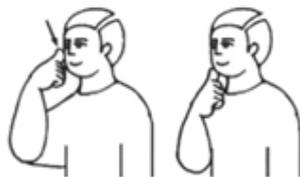
Sobre a Libras, Brito (1995) coloca que os nomes não apresentam flexão de gênero. A indicação de masculino e feminino é feita pospondo os sinais HOMEM ou MULHER. Essa marcação acontece para sinais que se referem a humanos e sinais que se referem a animais. As Figuras 12 e 13, a seguir, ilustram os sinais HOMEM e MULHER, respectivamente.

Figura 12 – Sinal HOMEM em Libras



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício (2013, p. 1392)

Figura 13 - Sinal MULHER em Libras



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício (2013, p. 1756)

Na Libras, o sinal HOMEM parece representar iconicamente uma barba. O sinal MULHER parece fazer referência ao uso de um chapéu com faixas que o prendiam ao rosto. A princípio, a marcação de masculino e feminino não é obrigatória. Nesse sentido, os sinais nomes de referentes humanos e animais são articulados de maneira não marcada. Mas, há sinais cuja semântica já traz a noção de masculino e feminino, inerente ao seu significado. Nessas situações, a distinção entre masculino e feminino acontece a nível lexical.

Os sinais PAI e MÃE são palavras compostas, que foram oriundas da justaposição de HOMEM + BENÇÃO e MULHER + BENÇÃO, respectivamente. De acordo com Quadros (1997), historicamente, os pais davam a bênção aos filhos oferecendo a mão para ser beijada. Essa ação parece ter motivado os sinais. Hoje, as crianças adquirem os sinais

PAI e MÃE de forma convencional sem associação com os fatos que deram origem. As figuras 14 e 15, a seguir, ilustram esses sinais.

Figura 14 – Sinal MÃE em Libras



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício (2013, p. 162)

Figura 15 - Sinal PAI em Libras



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício (2013, p. 1868)

Há outras variações lexicais para PAI e MÃE na Libras. O sinal PAI-1 é um sinal soletrado, a partir de P-A-I. O sinal MÃE-1 também é um sinal soletrado, a partir de M-Ã-E. As figuras 16 e 17, a seguir, ilustram esses sinais.

Figura 16- Sinal PAI-1 em Libras



Fonte: [http://www.acessibilidadebrasil.org.br/Libras\\_3/](http://www.acessibilidadebrasil.org.br/Libras_3/). Acessado em 07 de dezembro de 2022.

Figura 17 – Sinal MÃE-1 em Libras



Fonte: [http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras\\_3/](http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/). Acessado em 07 de dezembro de 2022.

O sinal PAI-2 é articulado com a configuração de mão de dedo indicador curvado e contato repetido na região do buço. Este sinal parece se referir a um bigode. O sinal MÃE-2 é articulado com a configuração de mão com o dedo indicador estendido e contato

repetido na lateral do nariz. Este sinal parece fazer referência ao som nasal da palavra “mãe”, exposto aos surdos na terapia de fala. As Figuras 18 e 19, a seguir, ilustra estes sinais.

Figura 18 – Sinal PAI-2 em Libras



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 104)

Figura 19 – Sinal MÃE-2 em Libras



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 104)

De acordo com Carneiro (2017), a marcação de masculino e de feminino na Libras se manifesta em sinais que se comportam como nomes. Essa marcação é opcional em referentes animados e ausente em referentes inanimados. Quando acontece, há justaposição de sinais HOMEM ou MULHER ao sinal marcado. O autor considera ainda que não há um sistema de gênero na Libras (baseado em sexo), visto que tal característica não extrapola a outros elementos do sintagma.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 Coleta de dados

Os dados foram coletados a partir da análise do *corpus* da Libras da região de Palmas-TO, de três dicionários e de um vídeo de um canal no *YouTube* de uma estudante surda do curso de medicina veterinária.

##### 3.1.1 – Corpus da Libras

O *corpus* de Libras da UFT (Universidade Federal do Tocantins) está sendo elaborado em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina. Este é um importante passo para consolidar as pesquisas desenvolvidas sobre Libras na UFT e no Brasil.

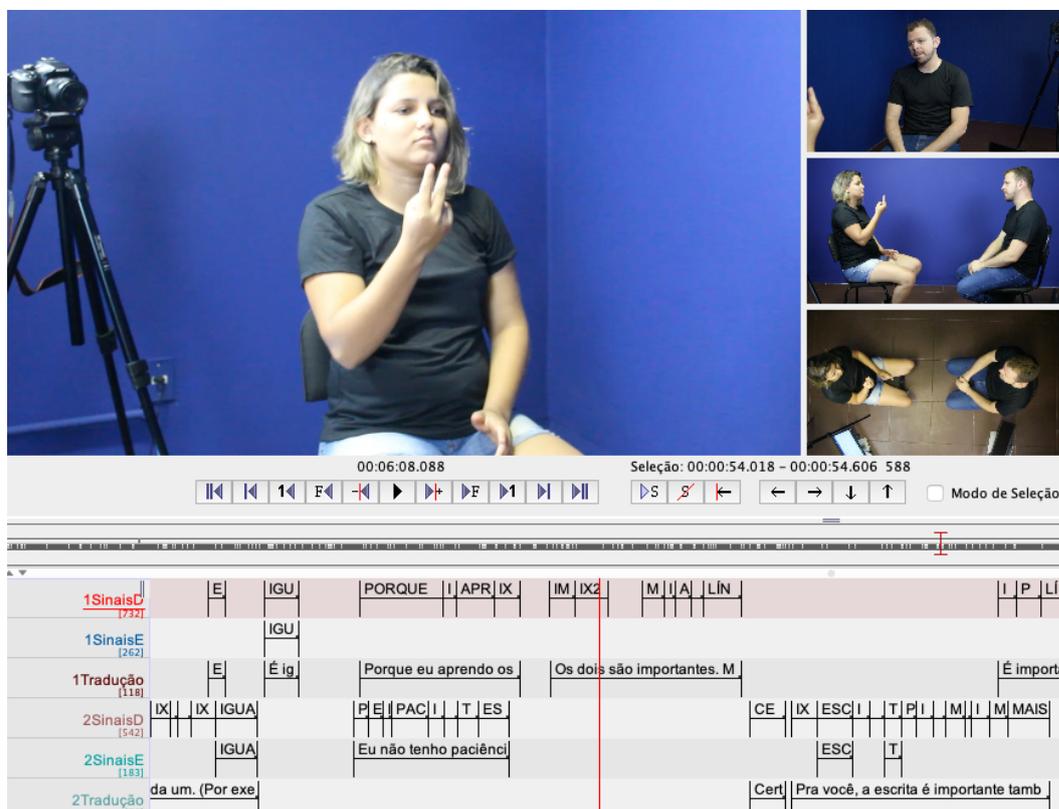
A documentação da Libras no estado do Tocantins é um projeto desenvolvido como parte do Inventário da Língua Brasileira de Sinais da Região Metropolitana de Palmas – TO, que está sendo elaborado sob a coordenação do Professor Carlos Roberto Ludwig. A coleta de dados foi iniciada em 2020, mas teve que ser interrompida por conta da pandemia da Covid-19, e foi retomada no ano de 2022. Dentre os objetivos da constituição do *corpus* da Libras está identificar a língua de sinais sinalizada em Palmas, registrar a língua, valorizar, reconhecer e, conseqüentemente, promover a Libras.

De acordo com Ludwig *et al* (2020), pesquisas são desenvolvidas pelo curso de Letras Libras em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da UFT Campus de Porto Nacional, específico para a área de Libras e tem o *corpus* da Libras como uma fonte de dados oportuna. Na sede do projeto está na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sob a coordenação da professora Ronice Müller de Quadros. O projeto matriz utiliza os mesmos objetivos procedimentos metodológicos para os inventários de estados brasileiros, incluindo o estado do Tocantins, o que possibilita comparar os dados do Tocantins com os dados de *corpora* de outros estados.

Os dados são coletados por dois pesquisadores surdos vinculados ao projeto e ao curso de Letras-Libras, em um laboratório da UFT, Campus Porto Nacional. Posteriormente, os dados são transcritos por pesquisadores, também vinculados ao projeto

e que passaram por um processo de capacitação. A Figura 20, a seguir, ilustra uma das informantes do *corpus* da Libras.

Figura 20 – *Corpus* da Libras de Palmas



Fonte: dados da pesquisa (2022)

Conforme pode ser observado na imagem, o registro da sinalização acontece a partir de quatro câmeras, que captura a imagem do entrevistador, da entrevistada, uma imagem dos dois participantes em uma mesma imagem, e uma imagem de cima dos mesmos participantes. A transcrição envolve o uso de trilhas básicas, que são preenchidas por glosas em língua portuguesa. As glosas são escritas em caixa alta. Há trilhas pra o registro de sinais produzidos pela mão direita, sinais produzidos pela mão esquerda e tradução. Isso é feito para a entrevistada (sinalizante 1) e para o entrevistador (sinalizante 2). Posteriormente, novas trilhas podem ser inseridas para atender a propósitos específicos de pesquisa.

Para esta pesquisa, analisamos os dados de vídeos produzidos por uma entrevistada urda, pois os dados de vídeo da etapa de entrevista já estavam com a transcrição completa. O vídeo apresenta 10'50" de duração. A entrevistada surda adquire a Libras por volta dos quatro anos de idade.

Foram analisados os sinais relacionados a profissão, a animais e a parentesco para verificarmos como acontece a marcação de masculino e feminino em Libras. Assim procedemos porque, na revisão de literatura, a marcação de masculino e feminino acontece apenas em referente animados e é opcional. Analisamos também os pronomes (sinais de apontamento).

A busca por esses sinais aconteceu no ELAN, a partir das trilhas que haviam sido transcritas. Buscamos por glosas que se referem a animais, profissão e parentesco. Incluímos na análise os sinais glosados como SURDO, atentos para a codificação de uma noção referencial e de uma noção de modificador. Em relação aos sinais de apontamento, buscamos pela glosa IX, que foi convencionalmente utilizada pelos transcritores para os sinais de apontamento. Estivemos atentos apenas aos sinais de apontamento que se referiam a pessoa. Desconsideramos os apontamentos dêiticos que se referem a partes do discurso, espaço e tempo, pronome oblíquo, bóia discursiva, pronome dual e o apontamento realizado pela mão não dominante quando simultânea à mão dominante (duplicação). Identificamos também os sinais que, mesmo atuando com um valor referencial, tinham um caráter de definido ou indefinido.

### 3.1.2 – Análise de dicionários

Em relação aos dicionários, analisamos o *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira - Deit-Libras* (CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2013), o *Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais* (HONORA, 2012) e o *Dicionário do INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos*, com o objetivo de verificar se há formas lexicais distintas para designar as noções de masculino e feminino em sinais relacionados a parentesco, a animais e a profissões. Em relação aos animais, buscamos termos que se referem a mamíferos de grande porte, galináceo e que fossem mais recorrentes no repertório cotidiano. A entrada dos dicionários é organizada em português e, por isso, a busca aconteceu a partir do “nome” do sinal.

O *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira - Deit-Libras*. Este é um dicionário impresso que foi publicado pela Editora da Universidade Estadual de São Paulo (EDUSP) em 2013. É separado por dois volumes, de autoria de Fernando César Capovilla, Walkiria Duarte Raphael e Aline Cristina L. Mauricio. O dicionário enciclopédico apresenta primeiro volume A - H e segundo volume

I – Z. A entrada do dicionário é organizada a partir de verbetes em português. Em relação ao gênero masculino e feminino, o dicionário sempre apresenta verbetes encontrados no gênero masculino, seguido do feminino.

Outro dicionário utilizado foi o *Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*, publicado pela autora Márcia Honora e Mary Lopes Esteves Frizanco em 2009 e 2011. A obra é organizada em três volumes separados e também possui a entrada dos itens lexicais a partir do nome do sinal em língua portuguesa. A obra trata-se de um dicionário que é organizado e publicado de maneira impressa. Não há acesso a vídeos dos sinais.

Por fim, o terceiro dicionário que compôs a fonte de dados foi o *Dicionário do INES*. O dicionário está disponível gratuitamente e de maneira online. Os sinais são apresentados tanto a partir da glosa correspondente em língua portuguesa como em vídeo. As entradas do dicionário acontecem a partir do nome em língua portuguesa.

Novamente, o objetivo de analisarmos dicionários foi verificar há itens lexicais distintos para designar as noções de masculino e feminino. A busca aconteceu a partir do nome do sinal em língua portuguesa, atentos para a manifestação da distinção entre masculino e feminino a nível lexical.

### 3.1.3 – Análise do canal no *YouTube*

Analisamos um dos vídeos de um canal do *YouTube* mantido por uma estudante surda de medicina veterinária<sup>2</sup>. O canal apresenta 16 vídeos protagonizados pela autora. Analisamos o vídeo intitulado INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL EM BOVINO, que tem duração de 7'53".

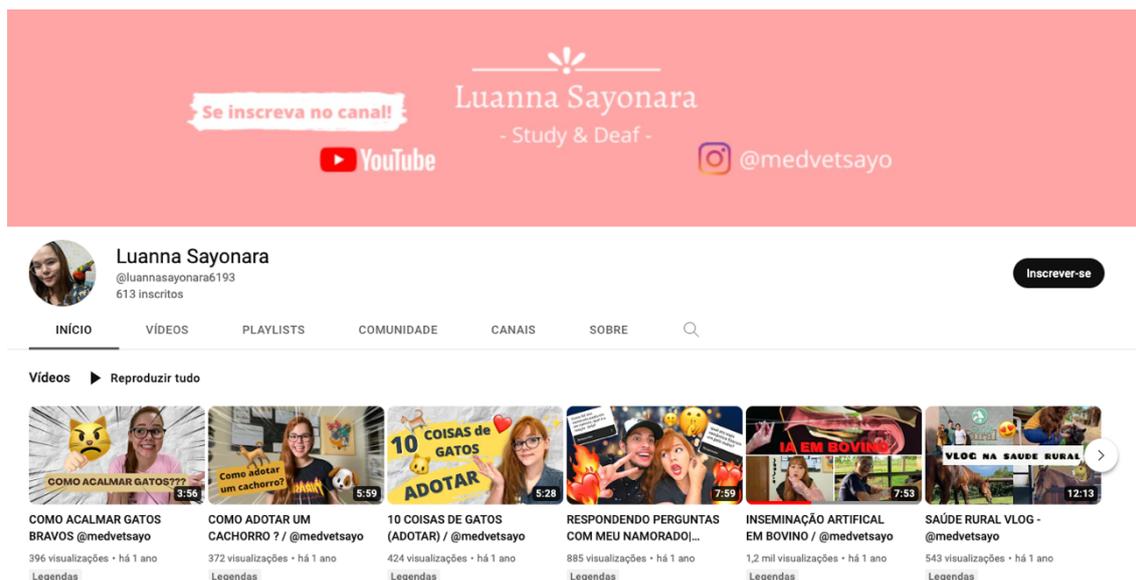
Durante a análise dos dados, partimos do pressuposto de que a Libras não apresenta gênero gramatical baseado em sexo. A marcação de masculino e feminino é feita a partir da justaposição dos sinais glosados como HOMEM ou MULHER (FERREIRA, 2010), e não gera concordância. Carneiro (2017) estabelece que a marcação de masculino e feminino se manifesta em sinais que se comportam como substantivos, é opcional em referentes animados e ausente em referentes inanimados.

---

<sup>2</sup> O canal é mantido pela estudante de medicina veterinária Luanna Sayonara e está disponível em <https://www.youtube.com/@luannasayonara6193> (Acesso em 07 de janeiro de 2023).

Consideramos também que há os sinais MACHO e FÊMEA para marcar masculino e feminino em animais. A marcação em humanos acontece a partir da justaposição dos sinais HOMEM e MULHER e em animais parece ser possível também a justaposição com MACHO e FÊMEA. A Figura 21, a seguir, ilustra o canal no *YouTube* *Luanna Sayonara*.

Figura 21 – Imagem do canal no *YouTube* *Luanna Sayonara*



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=i87840cMRMc>. Acessado em 07 de dezembro de 2022.

Após a análise dos dados, categorizamos os resultados e refletimos sobre a presença (ou não) de um sistema de gênero na Libras, a partir da marcação de masculino e feminino. Os resultados estão postos no capítulo seguinte.

## 4 RESULTADOS DA ANÁLISE DE DADOS

### 4.1 – Sinais relacionados a parentesco

Em sinais relacionados a parentesco, encontramos formas lexicais específicas para referentes masculinos, formas lexicais específicas para referentes femininos e formas lexicais consideradas neutras

Os sinais que se referem ao genitor possuem uma forma para masculino e outra para feminino, neste caso, os sinais PAI e MÃE. Não há uma forma neutra para designar genitor<sup>3</sup>. O mesmo acontece em relação aos sinais GENRO e NORA, PADRASTO e MADRASTA, PADRINHO e MADRINHA. Novamente, esses pares de sinais apresentam uma forma lexical específica para designar referente masculino e feminino, mas não apresentam uma forma neutra.

Os sinais FILH@, IRMÃ@, SOBRINH@, PRIM@, AV@, SOGR@, TI@, NET@, NOIV@, CUNHAD@ e BISAV@ possuem apenas a forma lexical neutra. O Quadro 1, a seguir, ilustra esse resultado oriundo da análise dos dicionários.

Quadro 1 – Marcação de masculino, feminino e neutro em sinais de parentesco

Masculino	Feminino	Neutro	Fonte de dados
PAI	MÃE	-	Deit-Libras Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais INES
GENRO	NORA	-	Deit-Libras Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais INES
PADRASTO	MADRASTA	-	Deit-Libras Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais INES
PADRINHO	MADRINHA	-	Deit-Libras Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais
-	MADRINHA		INES
		ESPOS@	Deit-Libras INES

<sup>3</sup> De acordo com Woodward (1978), a língua de sinais da Índia apresenta um sinal que se refere a genitor, considerado neutro, que abarca tanto a noção de *mãe* quanto a noção de *pai*.

		FILH@	Deit-Libras INES
		IRMÃ@	Deit-Libras INES
		SOBRINH@	Deit-Libras INES
		PRIM@	Deit-Libras INES
		AV@	Deit-Libras INES
		SOGR@	Deit-Libras INES
		TI@	Deit-Libras
		NET@	Deit-Libras Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais INES
		NOIV@	Deit-Libras INES
		CUNHAD@	Deit-Libras INES
		BISAV@	Deit-Libras INES
		AFILHAD@	Deit-Libras Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais INES

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Os sinais se referem a masculino e a feminino com formas lexicais diferentes, conforme mencionado, são PAI e MÃE, GENRO e NORA, PADRASTRO e MADRASTA, e PADRINHO e MADRINHA. Algumas dessas formas lexicais não envolvem o sinal de HOMEM e MULHER em sua estrutura, pois parecem oriundos de influência da língua portuguesa, em que a configuração de mão corresponde à letra inicial do nome em português. As figuras 22, 23 e 24, a seguir, ilustram os sinais de GENRO, NORA e PADRINHO.

Figura 22 – Sinal GENRO em Libras



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício (2013, p. 1335)

Figura 23 – Sinal NORA em Libras



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício (2013, p. 1794)

Figura 24 – Sinal PADRINHO em Libras



Fonte: *Corpus da Libras – Palmas-TO* (2022)

Há variações lexicais para PAI e MÃE na Libras. Os sinais PAI e MÃE são palavras compostas oriundas da justaposição dos sinais HOMEM + BENÇÃO e MULHER + BENÇÃO, respectivamente. O sinal PAI-1 é um sinal soletrado a partir de P-A-I e MÃE-1 também é soletrado, a partir de M-Ã-E. O sinal PAI-2 é articulado com a configuração de mão “dedo indicador curvado” e com toque no buço de maneira repetida. Este sinal parece se referir a um bigode. O sinal MÃE-2 é articulado com a configuração de mão “dedo indicador estendido” e com toque na lateral do nariz, repetidamente.

Wilkinson (2009) sugere uma tendência de estrutura de termos de parentesco nas línguas de sinais, a partir de um estudo comparativo envolvendo 40 línguas. Para a autora, os sinais que denotam *homem*, *mulher*, *menino* e *menina* estruturam os termos de parentesco de maneira (a) holística e (b) com sobreposição fonológica.

No primeiro caso, os sinais de pessoa (referidos acima) são semanticamente estendidos para um termo de parentesco, sem modificação fonológica, e, por isso, são sinais polissêmicos. De acordo com a autora, a extensão semântica esteve mais presente nos termos referente a filhos.

Em algumas línguas, os termos com formas holísticas são formados pela justaposição do sinal de pessoa com outra unidade lexical para especificar o termo de parentesco. Nesses padrões, envolvendo uma segunda unidade lexical (sinais compostos) que se referem a *filhos*, prevalecem domínios semânticos — *bebê*, *parto* e *criança* — justapostos aos termos de pessoa. Os sinais PAI e MÃE, na Libras, podem ser categorizados como oriundos de extensão semântica e envolvem uma segunda unidade lexical que deu origem à composição (sinal BENÇÃÃO).

A sobreposição fonológica inclui aqueles termos que carregam, no mínimo, uma característica articulatória de um termo de pessoa. Neste caso, os termos oriundos de extensão semântica (holísticos) são desconsiderados. Neste processo, intitulado pela autora de derivação semântica, a sobreposição fonológica predominante é o ponto de articulação. Dessa forma, a locação é o parâmetro mais relevante para marcar a derivação semântica no sistema de parentesco. A derivação semântica acontece em maior número nos termos para PAI a partir do sinal HOMEM.

Além de formas (a) holísticas e (b) com sobreposição fonológica, uma outra possibilidade de estrutura de termos de parentesco é (c) sem sobreposição fonológica de termos de pessoa. Esta categoria está mais presente em sinais referentes a *avós*. Wilkinson (2009) sugere que estes termos de parentesco tendem a ser construídos a partir de domínios semânticos diferentes dos termos de pessoa. Nos termos para avós, por exemplo, as línguas de sinais tendem a explorar o domínio *antigo*, de diferentes formas.

Na Libras, os sinais PADRASTO e MADRASTA são oriundos das formas lexicais PAI e MÃE. Os sinais GENRO e NORA, PADRINHO e MADRINHA não envolvem termos de pessoa em sua estrutura e apresentam configuração de mão inicializada.

Em relação aos termos de parentesco no *corpus* da Libras, encontramos o sinal FILH@, no instante 00:00:55.520, que, no contexto, refere-se a um participante definido e feminino. O sinal é articulado de maneira neutra. Outros termos foram TI@ e PRIM@, em 00:06:48.187 e 00:06:48.711, respectivamente. Estes termos foram articulados em sequência e se referem à categoria *familiares* e, da mesma forma, foram articulados de

maneira neutra. O sinal PADRINHO é específico para o masculino e foi articulado no tempo 00:08:26.372.

Ainda em relação ao *corpus* da Libras, analisamos as ocorrências do sinal SURDO, atentos à marcação de masculino e feminino. Caracterizamos as ocorrências em *referente* ou *modificador*.

Encontramos 25 (vinte e cinco) ocorrências do sinal SURDO. Dentre estas, 5 (cinco) ocorrências se manifestaram funcionalmente como modificadores, por trazer a noção de *ser surdo*. Em relação à definitude, 16 (dezesesseis) ocorrências tiveram um caráter referencial indefinido, ou seja, se referia a um participante animado, mas posto na narrativa de maneira genérica. Em nenhuma dessas ocorrências houve a marcação de masculino ou feminino. Em apenas 4 (quatro) ocorrências do sinal SURDO houve um caráter de referente definido. De acordo com Carvalho (2018), a categoria semântica que corresponde mais aproximadamente à função central da categoria gramatical definitude é identificabilidade, isto é, a noção de que o referente é familiar ou foi estabelecido no discurso. Nesse sentido, consideramos como indefinido os usos do sinal SURDO de maneira não referenciais, por exemplo, aqueles que envolviam sintagmas nominais plurais ou massivos. O Quadro 2, a seguir, ilustra as ocorrências do sinal SURDO e a categorização dos termos conforme descrevemos.

Quadro 2 – Marcação dos sinais SURDO no Corpus da Libras

SINAL	TEMPO	MARCAÇÃO	DEFINITUDE	Glosa	Tradução
SURDO	00:00:12.276	Neutro	animado indefinido	PORQUE IX (eu) SURDO DAR	Porque um surdo me deu o sinal.
SURDO	00:00:14.147	Neutro	animado definido	DV SURDO DV CRIANÇA DAR SINAL SINAL (Lorrane)	Eram dois surdos bem pequenos, ainda crianças, que me deram o sinal
SURDO	00:00:19.255	MASCULINO	animado definido	SURDO DOIS SURDO	Surdos, foram dois surdos.
SURDO	00:00:20.805	Neutro	animado definido	SURDO IX2 COMBINAR	Os surdos, eles dois combinaram.
SURDO	00:00:45.018	Neutro	animado indefinido	CONTATO SURDO DESENVOLVER	(...) tive contato com surdos e as coisas foram
SURDO	00:00:54.605	Neutro	animado indefinido	MÃE OUVIR DEM COMBINA SURDO (...)	A (minha) mãe ouviu e reconheceu que aquilo era adequado para surdos.
SURDO	00:00:55.846	Neutro	modificador	TER LEMBRAR TER FILHO SURDO	(...) e lembrou da filha surda.
SURDO	00:00:57.266	Neutro	animado definido	MÃE OUVIR SURDO DEM (...)	(Minha) mãe ouviu sobre o surdo.
SURDO	00:01:00.701	Neutro	animado indefinido	LIBRAS É LÍNGUA POSS SURDO	(...) a Libras é a língua dos surdos
SURDO	00:01:17.358	Neutro	animado indefinido	PORQUE CONTATO SURDO	(...) porque tive contato com surdos.
SURDO	00:02:54.190	Neutro	animado indefinido	ENTRAR ESCOLA CONTATO SURDO	Quando entrei na escola e tive contato com surdos (...)
SURDO	00:03:05.184	Neutro	animado indefinido	PORQUE ENCONTRAR SURDO	Porque encontrava com surdos.
SURDO	00:03:19.585	Neutro	modificador	PORQUE &(dúvida) LÍNGUA SURDO	(...) porque é a língua do surdo.

SURDO	00:03:26.872	Neutro	animado indefinido	IX SURDO TAMBÉM LÍNGUA	Os surdos também (tem a sua) língua.
SURDO	00:04:01.060	Neutro	animado indefinido	INCENTIVAR IR CONTATO SURDO	Vai lá! Vai conversar com os surdos.
SURDO	00:04:07.109	Neutro	modificador	IX (você) BONITO INTELIGENTE SURDO MARAVILHOSO	Você é bonita, inteligente, surda, maravilhosa
SURDO	00:05:35.839	Neutro	animado indefinido	NÃO UM SURDO NÃO	Não apenas com os surdos (...)
SURDO	00:08:13.380	Neutro	modificador	PARECE IX EM-PÉ IX PESSOA SURDO	(...) parece que eu me posiciono enquanto pessoa surda.
SURDO	00:08:19.598	Neutro	animado indefinido	É IMPORTANTE VALOR VALOR SURDO	É importante valorizar o surdo.
SURDO	00:09:00.082	Neutro	modificador	IX GOSTAR SURDO	Eu gosto de ser surda.
SURDO	00:09:01.268	Neutro	animado indefinido	TER SURDO MUITO CONTATO	Havia muitos surdos que fazia contato.
SURDO	00:09:15.513	Neutro	animado indefinido	MAIS-OU-MENOS PESSOA 10 SURDO	Havia, aproximadamente, 10 surdos dentro da escola.
SURDO	00:09:20.627	Neutro	animado indefinido	IX (eu) TER SURDO CONTATO IX PRECISAR-NÃO IMPLANTE-COCLEAR	Eu tenho contato com surdos, não preciso de implante coclear.
SURDO	00:09:56.706	Neutro	animado indefinido	QUERER ENCONTRAR DEM SURDO	(...) queria encontrar com surdos (...)
SURDO	00:09:59.528	Neutro	animado indefinido	SEMPRE PERMANECER SÓ SURDO	(...) continuei só com os surdos.

Fonte: dados da pesquisa (2022)

Conforme os dados, apresentados acima (Quadro 2), todas as ocorrências em que SURDO se manifesta como modificador ou referente animado indefinido, não houve marcação de masculino ou feminino. Houve quatro ocorrências em que o sinal SURDO, enquanto modificador, qualificou referente feminino e uma ocorrência em que qualificou um referente inanimado. Dentre as quatro ocorrências em que o sinal SURDO se manifestou como referente animado definido, tratando-se de um referente conhecido, apenas em uma ocorrência houve a marcação de que o participante é masculino. O dado (6), a seguir, reproduz essa construção.

#### (6) Inferência de masculino em Libras





Fonte: dados da pesquisa (2022)

Em (6), vemos o sinal SURDO, inicialmente, sem qualquer menção à marcação de masculino e feminino. Nesse sentido, o sinal é categorizado de maneira neutra. A noção de que os participantes surdos são do sexo masculino, veio a partir da oração seguinte, que menciona eles serem do sexo masculino – “os dois eram homens”. Os demais referentes animados definidos foram considerados neutros.

#### 4.2 – Sinais relacionados a animais

Em sinais relacionados a animais, encontramos formas lexicais específicas para referentes masculinos, específicas para referentes femininos e formas consideradas neutras.

Observamos que os sinais CARNEIRO e OVELHA, BODE e CABRA, GALO e GALINHA, BOI e VACA são formas específicas. Essa distinção lexical parece envolver construções icônicas. Foi identificado o sinal BOI@ como uma forma lexical neutra. Há também formas específicas: masculino seria a composição de BOI@ + HOMEM, e feminino a composição de BOI@ + LEITE. Os sinais GAT@, CAVAL@, COELH@, PAT@, LEÃ@, MACAC@ e LOB@ são formas neutras. O Quadro 3 ilustra alguns dos itens lexicais relativos a animais que foram coletados nos dicionários.

Quadro 3 – Marcação de masculino, feminino e neutro em sinais de animais

Masculino	Feminino	Neutro	Fonte de dados
CARNEIRO	OVELHA	-	Deit-Libras INES

-	OVELHA	-	Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais
BODE	CABRA	-	Deit-Libras Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais INES
GALO	GALINHA	-	Deit-Libras Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais INES
BOI	VACA	-	Deit-Libras
-		BOI@	Deit-Libras Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais INES
		GAT@	Deit-Libras Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais INES
		CACHORR@	Deit-Libras Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais INES
		CAVAL@	Deit-Libras Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais INES
		COELH@	Deit-Libras Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais INES
		PAT@	Deit-Libras Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais INES
		LEÃ@	Deit-Libras Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais INES
		MACAC@	Deit-Libras Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais INES
		PORC@	Deit-Libras Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais INES

		LOB@	Deit-Libras Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais INES
--	--	------	--

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

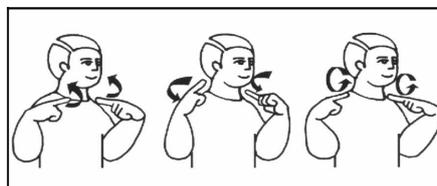
Os sinais de animais que envolvem formas específicas para referente masculino e forma específica para referente feminino parece envolver construções icônicas. As Figuras, a seguir, ilustram os sinais de CARNEIRO e OVELHA, BODE e CABRA, GALO e GALINHA, BOI e VACA.

Figura 25 – Sinal CARNEIRO em Libras



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício (2013, p. 659)

Figura 26 – Sinal OVELHA em Libras



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício (2013, p. 1858)

Figura 27 – Sinal BODE em Libras



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício (2013, p. 544)

Figura 28 – Sinal CABRA em Libras



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício (2013, p. 594)

Figura 29 – Sinal GALINHA em Libras



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício (2013, p. 1322)

Figura 30 – Sinal GALO em Libras



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício (2013, p. 1323)

Figura 31 – Sinal BOI em Libras



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício (2013)

Figura 32 – Sinal VACA em Libras



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício (2013)

Na Libras, conforme mencionado, os sinais GAT@, CACHORR@, CAVAL@, COELH@, PAT@, LEÃ@, MACAC@ e LOB@ apresentam apenas uma forma neutra. A princípio, a marcação em masculino e feminino, acontece a justaposição dos sinais HOMEM para marcar masculino, e MULHER para marcar feminino. Há também os sinais MACHO e FÊMEA, que também atendem essa demanda. As Figuras 34 e 35, a seguir, ilustram esses sinais.

Figura 33 – Sinal FÊMEA em Libras



Fonte: Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício (2013, p. 1235)

Figura 34 – Sinal MACHO em Libras



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício (2013, p. 1616)

No vídeo do *YouTube* identificamos os sinais BOI@ e CAVALO@, articulados sem justaposição de sinais para designar entidade masculina ou feminina, bem como o sinal VACA através da justaposição de BOI@ + FÊMEA-1. Observamos também o sinal MACHO com função dêitica para se referir ao masculino de bovino. A Figura 39 e 40, a seguir, ilustram os sinais MACHO e FÊMEA-1.

Figura 35 – Sinal MACHO no *YouTube*



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=i87840cMRMc>. Acessado em 07 de dezembro de 2022.

Figura 36 – Sinal FÊMEA no *YouTube*

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=i87840cMRMc>. Acessado em 07 de dezembro de 2022.

Observamos que para a distinção de masculino e feminino em sinais com forma neutra, parece haver duas possibilidades: a justaposição com os sinais HOMEM e MULHER, ou ainda, a justaposição com MACHO ou FÊMEA. Os sinais MACHO e FÊMEA parecem não ser usados para referentes humanos.

#### 4.3 Sinais relacionados a profissão

Em sinais relacionados a profissões, não encontramos formas lexicais específicas para referentes *masculinos* e *femininos*. Todas as formas lexicais encontradas foram consideradas neutras. Observamos que nos dicionários, a partir da entrada dos vocábulos *costureira*, *eletricista*, *mecânico*, *pescador*, *vigilante*, *aeromoça*, *alfaiate*, *arqueiro*, *autor*, *barbeiro*, *comissária de bordo*, *detetive*, *escritor*, *fazendeiro*, *jornaleiro*, *marceneiro*, *marinheiro*, *mecânico*, *padeiro*, *pedreiro*, *pintor*, *porteiro*, *taxista*, há uma menção à distinção de masculino e feminino, a partir da justaposição do nome com os sinais HOMEM e MULHER. Os sinais ADVOGAD@, ARQUITET@, BOMBEIR@, CABELEIREIR@, MÉDIC@, MOTORIST@, POLICIAL@, DENTIST@, ENFERMEIR@, ENGENHEIR@, FONOAUDIÓLOG@, OFTALMOLOGIST@, PROFESSOR@, PEDAGOG@, PSICÓLOG@, SECRETÁRI@, CANTOR@, VETERINÁRI@ são apresentados de forma neutra.

Quadro 4 – Marcação de masculino, feminino e neutro em sinais de profissão

Masculino	Feminino	Neutro	Fonte de dados
		ADVOGAD@	Deit-Libras Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais INES

		PSICOLÓG@	Deit-Libras Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais INES
		ARQUITET@	Deit-Libras Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais INES
		MÉDIC@	Deit-Libras Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais INES
		BOMBEIR@	Deit-Libras Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais INES
		ENFERMEIR@	Deit-Libras Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais INES
		PROFESSOR@	Deit-Libras Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais INES
		SECRETÁRI@	Deit-Libras Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais INES
		CANTOR@	Deit-Libras Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais INES
		VETERINÁRI@	Deit-Libras Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais INES
		DENTIST@	Deit-Libras Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais INES
		CABELEIRER@	Deit-Libras Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais INES
		BAILARIN@	Deit-Libras Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais INES

		MOTORIST@	Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais INES
		POLICIAL@	Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais INES
		PEDAGOG@	Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais INES

Fonte: dados da pesquisa (2022)

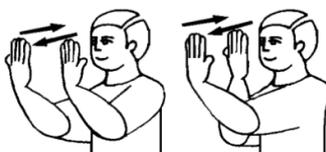
As Figuras, a seguir, ilustram alguns desses sinais.

Figura 37 – Sinal ADVOGAD@ em Libras



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício (2013, p. 294)

Figura 38 - Sinal PSICÓLOG@ em Libras



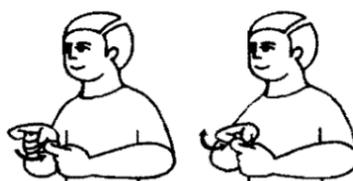
Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício (2013, p. 2066)

Figura 39 - Sinal ENFERMEIR@ em Libras



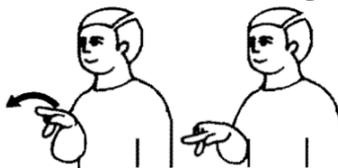
Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício (2013, p. 1067)

Figura 40 – Sinal MÉDIC@ em Libras



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício (2013, p. 1673)

Figura 41 – Sinal PROFESSOR@ em Libras



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício (2013, p.2051)

Figura 42 - Sinal BAILARIN@ em Libras



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício (2013, p. 471)

Em relação aos dados do *corpus* da Libras, identificamos os sinais INTÉRPRETE, PROFESSOR e TÉCNICO. O sinal INTÉRPRETE aparece em três ocorrências e, no contexto do discurso em que foram sinalizados, estes sinais referem-se a entidades animadas indefinidas e não houve marcação de masculino ou feminino. O sinal PROFESSOR é um referente animado definido, que também foi articulado de maneira neutra. Por fim, o sinal TÉCNICO é um referente inanimado.

Quadro 5 - Marcação dos sinais SURDO no Corpus da Libras

SINAL	TEMPO	MARCAÇÃO	DEFINITUDE	Glosa	Tradução
INTÉRPRETE	00:02:00.722	Neutro	animado indefinido	PORQUE IX(passado) SIM TER PORQUE SEMPRE TER INTERPRETE	Porque tempos atrás, sim, havia, porque sempre tive intérprete.
INTÉRPRETE	00:02:03.576	Neutro	animado indefinido	MÃE LUTAR &(questionar) TER INTERPRETE E(vamos)	(Minha) mãe lutava e questionava pela presença de um intérprete.
INTÉRPRETE	00:02:06.360	Neutro	animado indefinido	SEMPRE TER ESCOLA TER INTÉRPRETE	Na escola, sempre havia intérprete.
PROFESSOR	00:09:46.315	Neutro	animado definido	IX PROFESSOR ENSINAR DV (sentir som)	A professora que me ensinava a terapia de fala
TECNICO	00:10:35.353	Neutro	inanimado	HOJE FACULDADE TÉCNICO DIGITAR COMPUTADOR	Atualmente, eu faço quase que uma faculdade, curso técnico de informática.

Fonte: dados da pesquisa (2022)

#### 4.4 Pronomes pessoais (sinais de apontamento)

Em relação aos sinais de apontamento, no *corpus* da Libras, identificamos 70 ocorrências, dentre as quais consideramos 57, a partir dos critérios de exclusão descritos

na metodologia. Todos os sinais de apontamento analisados foram articulados de forma neutra, ou seja, sem a justaposição de sinais que classificassem o participante. Desse total, 30 ocorrências se referiam à primeira pessoa do discurso (referente feminino); quatro ocorrências se referiram à segunda pessoa (referente feminino); 19 ocorrências se referiram à participante mãe (referente feminino); uma ocorrência se referiu ao participante padrinho (referente masculino); uma ocorrência se referiu ao participante terapeuta, em que também não foi especificado a classe (referente neutro); duas ocorrências se referiram a participantes humanos (plural), um a partir do movimento em varredura e outro sem varredura, em que não foi especificado (referente neutro). Dessa forma, os sinais de apontamento foram articulados de maneira neutra, sem especificar o participante em masculino ou feminino, tanto em situações em que a informação poderia ser inferida do discurso (por exemplo, participantes mãe e padrinho), tanto em situações em que essa informação era desconhecida (participante terapeuta).

Sugerimos algumas tendências de manifestação sobre a marcação de masculino e feminino na Libras. A marcação acontece em referentes animados, apresenta um caráter opcional e está ausente em referentes inanimados. A forma não marcada é neutra.

A nível lexical, vemos que os referentes animados (pronomes, parentesco, animais e profissões) apresentam uma forma não marcada, considerada neutra para as noções de masculino e de feminino. Apenas em sinais de parentesco e de animais foram observadas formas lexicais específicas. No sistema de parentesco, os sinais PAI e MÃE são considerados extensão semântica dos sinais HOMEM e MULHER, e os sinais PADRASTO e MADRASTA são oriundos dos sinais PAI e MÃE. Há sinais de parentesco específicos que são formas inicializadas. Em sinais de animais, as formas específicas apresentam características icônicas.

A marcação de masculino e feminino em referentes animados na Libras acontece a partir da justaposição do nome aos sinais HOMEM e MULHER, respectivamente. Em sinais de animais, parece haver as formas MACHO e FÊMEA, que também promovem essa marcação. Assim, o paradigma para humanos é formado por dois elementos e não humanos por quatro elementos. A Figura 47, a seguir, esquematiza essas considerações.

Figura 43 – Marcação de masculino e feminino na Libras

	ANIMADOS				INANIMADOS
	PRONOMES	PARENTESCO	ANIMAIS	PROFISSÃO	
Léxico	- <i>neutro</i>	<i>específico</i> <i>neutro</i>	<i>específico</i> <i>neutro</i>	- <i>neutro</i>	<i>Não há marcação masculino / feminino</i>
justaposição	<i>HOMEM</i> <i>MULHER</i>	<i>HOMEM</i> <i>MULHER</i>	<i>HOMEM</i> <i>MULHER</i>  <i>MACHO</i> <i>FÊMEA</i>	<i>HOMEM</i> <i>MULHER</i>	

Fonte: dados da pesquisa (2022)

Em relação ao gênero gramatical, sugerimos que na Libras não há um sistema de gênero a partir da marcação de masculino e feminino. As formas pronominais (sinais de apontamento) e os sinais glosados como SURDO, enquanto modificadores, por exemplo, não apresentam marcação na forma quando o núcleo do sintagma se refere a um participante masculino, feminino, ou ainda, quando essa classificação é indeterminada.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa é um estudo descritivo sobre a marcação de masculino e feminino na Libras. Em algumas línguas do mundo, essa marcação pode formar um sistema de gênero, em que essa marcação extrapola o nome envolvido e se manifesta em outros elementos do sintagma.

O objetivo da pesquisa foi descrever as estratégias para marcação de masculino e feminino em nomes (sinais relacionados a parentesco, animais e profissão) e em pronomes pessoais (sinais de apontamento). Ainda em relação aos sinais de parentesco, incluímos o sinal SURDO, e em relação aos animais, atentamo-nos apenas aos mamíferos de grande porte e a galináceo. O *corpus* de análise envolve um vídeo do *Corpus* da Libras da região de Palmas, de um vídeo disponíveis na Plataforma *YouTube*, produzido em Libras por uma surda sobre inseminação de bovinos e dicionários.

Em relação aos termos de parentesco, a partir da análise de dicionários, vemos que há distinção entre masculino e feminino à nível lexical entre os termos PAI e MÃE, GENRO e NORA, PADRASTRO e MADRASTA, e PADRINHO e MADRINHA. Neste caso, os sinais se referem a masculino e a feminino a partir de formas lexicais diferentes. Os sinais de ESPOS@, FILH@, IRMÃ@, SOBRINH@, PRIM@, AV@, SOGR@, TI@, NET@, NOIV@, CUNHAD@, BISA@ e AFILHAD@ possuem uma forma neutra, ou seja, possuem uma forma que pode se referir tanto ao referente categorizado como masculino, quanto para o referente categorizado como feminino. Em relação ao sinal SURDO, as ocorrências que se manifestam como modificadores e animados indefinidos são formas neutras. Dentre os referentes animados definidos, estes também se manifestam de maneira neutra. Apenas um dos casos, observa-se a inferência de que o participante é masculino, a partir do contexto (oração adjetiva explicativa posposta ao sintagma em que há o referente SURDO).

Em relação aos termos de animais, a partir da análise de dicionários, observamos que os sinais que se referem CARNEIRO e OVELHA, BODE e CABRA, GALO e GALINHA, BOI e VACA possuem uma forma específica para referente masculino e outra forma específica para referente feminino. Os sinais GAT@, CACHORR@, CAVAL@, COELH@, PAT@, LEÃ@, MACAC@ e LOB@ possuem uma forma neutra, ou seja, possuem uma forma que pode se referir tanto ao referente categorizado como masculino, quanto para o referente categorizado como feminino. Neste caso, estes sinais apresentam apenas a forma lexical neutra. Observamos que para a distinção de

masculino e feminino em sinais com forma neutra, parece haver duas possibilidades: a justaposição com os sinais HOMEM e MULHER, ou ainda, a justaposição com MACHO ou FÊMEA. O vídeo analisado do *YouTube* apresenta os sinais MACHO e FÊMEA para marcar masculino e feminino em bovinos, o que sugere formas distintas para humanos e não humanos. Os sinais MACHO e FÊMEA parecem não ser usados para referentes humanos.

Em sinais relacionados a profissão, ainda a partir da análise de dicionários, todas as formas lexicais encontradas foram consideradas neutras. Em relação aos dados do *corpus* da Libras, encontramos os sinais INTÉRPRETE, PROFESSOR e TÉCNICO. Todos eles se referem a referentes animados definidos e não houve marcação de masculino ou feminino.

Em relação aos sinais de apontamento, consideramos apenas os sinais que fazem referência às pessoas do discurso. As manifestações incluídas na análise foram articuladas de modo que não houve a presença de uma forma específica para referente masculino e uma forma específica para referente feminino. Os sinais de apontamento em relação à categoria pessoa foram considerados neutro.

As formas específicas a nível lexical para a categoria masculino e a categoria feminino sugere algumas reflexões. Em sinais de parentesco, os sinais PAI e MÃE são considerados extensão semântica dos sinais HOMEM e MULHER, e os sinais PADRASTO e MADRASTA são derivados dos sinais PAI e MÃE. Há sinais de parentesco específicos que são formas inicializadas que parecem oriundos de influência da língua portuguesa, em que a configuração de mão corresponde à letra inicial do nome do termo equivalente em língua portuguesa, como em PAI-1, MÃE-1, GENRO, NORA, PADRINHO e MADRINHA. Em sinais para animais, essa distinção entre masculino e feminino a nível lexical parece envolver formas icônicas. A distinção, por exemplo, entre CARNEIRO e OVELHA, BODE e CABRA, GALO e GALINHA, BOI e VACA parece remeter à descrição visual do referente. Não encontramos formas inicializadas em relação aos sinais de animais.

Em relação à categoria gênero gramatical, sugerimos que na Libras não há um sistema de gênero a partir da marcação de masculino e feminino. As formas pronominais (sinais de apontamento) e os sinais de SURDO enquanto modificadores não apresentam distinção na forma quando o núcleo do sintagma se refere a um participante masculino ou feminino.

Atualmente, vemos a necessidade de mais pesquisas linguísticas sobre a Libras. A educação de surdos é garantida a partir de uma educação bilíngue em Libras como primeira língua e em português como segunda língua. É importante que as crianças surdas cresçam aprendendo sua (e na sua) língua natural, a Libras.

Considerando o ensino de Libras como primeira língua, a disciplina deve proporcionar reflexões sobre a marcação de masculino e feminino na Libras e em outras línguas de sinais, o que certamente pode auxiliar os alunos surdos na compreensão de aspectos linguísticos, culturais e visão de mundo de comunidades de fala que perpassam pela Libras e por outras línguas. Os alunos surdos precisam de uma educação bilíngue habilitadora que contemple suas especificidades linguístico-culturais.

Novamente, sugerimos também que a marcação de masculino e feminino na Libras não gera um sistema de gênero. Em relação ao nosso estudo, mais dados precisam ser analisados. O nosso *corpus* de análise é limitado, o que impossibilitou algumas reflexões. Pesquisas futuras são necessárias para determinar o escopo desses usos, o caráter morfêmico dos termos disponíveis para essa marcação e seus contextos de predileção.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIKHENVALD, Alexandra. Y. **Classifiers. A typology of noun categorization devices**. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURÍCIO, A. C. L. **Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. Volume 1: Sinais de A a H. 3ª edição revisada e ampliada. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.
- CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURÍCIO, A. C. L. **Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. Volume 2: Sinais de I a Z. 3ª edição revisada e ampliada. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.
- CARNEIRO, Bruno Gonçalves. Marcação de masculino e feminino na libras. In: AZERÊDO, Anabel Medeiros de et al. (Org.). **Caderno de resumos do X Congresso Internacional da ABRALIN – Pesquisas linguísticas e compromisso político**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2017, p. 246-247.
- CARVALHO, D. S.. O ESTATUTO MORFOSSINTÁTICO DE DEFINITUDE. In: Carvalho, Dannel da Silva; Teixeira de Sousa, Lílian. (Org.). **Gramática Gerativa em perspectiva**. 1ed.São Paulo: Blucher, 2018, v. 1, p. 25-46.
- COELHO, L. C. Experiência de vida na surdocegueira. In: CARNEIRO, Bruno Gonçalves; LEÃO, Renato Jefferson Bezerra; MIRANDA, Roselba Gomes de. **Língua de Sinais, Identidades e Cultura Surda no Tocantins**. Volume 1. North Charleston: Amazon Digital Services, 2019, p. 01-12.
- COBERTT, G. **Gender**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- Dicionário da Língua Brasileira de Sinais*. Acessibilidade Brasil - versão V 3, 2011. Disponível em: [http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras\\_3/](http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/) Acesso em: 10 de abril de 2021.
- Dicionário digital - Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Versão 3.1.1, 2013. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=g%C3%AAnero> Acesso em: 28 de junho de 2021.
- EVANS, Nicholas; BROWN, Dunstan; CORBETT, Greville. The semantics of gender in Mayali: partially parallel systems and formal implementation. **Language**, n. 78, p. 111-155.
- FERREIRA BRITO, L. **Por uma gramática de línguas de sinais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2010.
- GONÇALVES, C. A. **Morfologia**. 1. ed. São Paulo: Parábola (Linguística para o ensino superior - 1), 2019.

- HONORA, M.; FRIZANCO, M. L. E. **Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais**: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez. São Paulo: Ciranda Cultura, 2009.
- KROEGER, Paul R. **Analyzing Grammar**. An Introduction. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- LUDWIG, C. R. *et. al.* Inventário da Libras no Tocantins: constituição e coleta de dados. **Revista Desafios** – v. 7, n. 1, 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/5794/1650>  
Acesso em: 17 de maio de 2021.
- LIMA, Denilso de. **Gramática de uso da língua inglesa**: a gramática do inglês na ponta da língua. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.
- MASSONE, M. I.; JOHNSON, R. E. Kinship Terms in Argentine Sign Language. **Sign Language Studies**, vol. 73, winter, 1991.
- OSUGI, Yutaka. The semantic status of ‘INDEX + MALE’ in Nihon Shuwa (Japanese Sign Language). **Japanese Journal of Sign Linguistics**, v. 15, n. 1-2, p. 1-14, 1999.
- PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português brasileiro**. Editora Vozes. Petrópolis - RJ, 2016.
- QUADROS, R. M. de. **Educação de Surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed Editográfica, 1997, p. 48.
- VELUPILLAI, Viveka. **A introduction to Linguistic**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2012. Sagara (2016)
- SAGARA, Keiko; ZESHAN, Ulrike. **Semantic fields in sign languages. Colour, kinship and quantification**. Boston/ Berlin: De Gruyter Mouton, 2016.
- WILKINSON, Erin Laine. **Typology of signed languages: differentiation through kinship terminology**. 2009. 483 fls. Dissertation (Doctor of Philosophy Linguistics) – The University of New Mexico, Albuquerque, New Mexico, 2009.
- WOODWARD, James. All in the family: kinship lexicalization across sign languages. **Sign Language Studies**, v. 19, winter, p. 121-138, 1978.
- ZESHAN, Ulrike. Indo-Pakistani sign language grammar: a tipological outline. **Sign Language Studies**, Washington, v. 3, n. 2, p. 157-212, winter, 2003.